

do Cayman, desta
para a leitura desta
história de seje
agradável ~~para~~ i face
nem ouvir as
músicas.

M. Ray -
Rio, 15/11/66
?

PEGUEI UM ITA NO NORTE

Por: -

M. Ray.
Montenegro.

PERSONAGENS: -

Zeca, um compositor
Marina, sua esposa.
Dora, uma dançarina.
João Valentão, seu amante.
Pai, pai de Zeca
Mãe, mãe de Zeca
Mãe Vaidosa, passageira do Ita.
Senhera " "
Ingênua " "
Solteirona " "
Comandante, capitão do Ita.
Tarcilio, pescador
Lino, outro pescador
Pescador, "
Noiva, comprometida de Lino
Esposa, mulher de um pescador
Prefeito, prefeito de Salvador, Bahia.
Secretário, seu secretário.
Locuter.

E mais: - carregadores, passageiros, pescadores, esposas de pescadores
componentes de maracatú, bahianas, devotos de Santa Barbara.

Números musiciais:-

- ATO I:- Cena I:- Peguei um Ita no Norte, Zeca & passageiros.
Cena II:- O Mar, Comandante, Zeca, & passageiros.
Cena IV:- Nem eu, Zeca e Marina
Cena V:- João Valentão, João Valentão.
Cantiga de noiva, Noiva.
Canção da partida, Lino.
Adeus de esposa, Esposa.
Vamos chamar o Vento, "sposa, noiva & mulher
dos pescadores.
Cena VII:- Frêve, Dora & habitantes do Recife.
-

- ATO II:- Cena I:- Não tem solução, Zeca
Cena III:- Canção de ninar, Marina e Zeca.
Cena VI:- Dora, Zeca & passageiros.
Cena VII:- Marina, Zeca.
Cena VII:- Umbigada, dança pelos passageiros do Ita.
Cena VIII:- Tira a mão, Flô, dança pelos passageiros.
Cena XI:- Santa Barbara, Bahiana, devotos, Dora, e
tôda companhia.
- *****

PEGUEI UM ITA NO NORTE:-

Dois atos e 18 quadros.

PRIMEIRO ATO

De Belém ao Recife

ATO I: - Cena I

Cais de Belém do Pará.

Genário: - Ao fundo, o convés de um ITA. Da parte superior desce uma escada até o chão.

O resto do palcos ocupado por guindastes, caixotes, cordas, malas, etc., esparramados assimetricamente.

Ação: - Ao subir o pano, nota-se um grande movimento no cais. Está quase na hora do barco partir para o Sul.

Embora movimentado, o local não se apresenta com uma atmosfera de alegria. Tanto os que se despedem, quanto os que embarcam aparentam tristeza.

Entram Marina carregando uma criança de colo logo seguida pelo seu marido Zeca e os pais. Pouco depois surgem três homens carregando os pertences do casal que embarca.

Ouve-se o apito do navio.

VOZES: - Vai partir o Ita!

Vai partir o Ita!

Vai partir o Ita!

- O movimento do cais adquire um ritmo mais acelerado.

ZECA (para seus amigos): - "Epressa... betem as cousas lá dentro.

- Os três se apressam em levar o que carregam para o navio.

ZECA (segurando o amigo que carrega o violão): - Cuidado com isto... (solta o amigo e para o pai): - Bem, meu pai...

PAI: - Vai mesmo, meu filho?

ZECA: - Vou sim, meu pai.

PAI: - Fazer o que lá no Rio?

ZECA: - Trabalhar... ganhar dinheiro...

PAI: - E por que não aqui?

ZECA: - O que eu goste de fazer... aqui não dá dinheiro...

PAI: - Talvez... mas sempre existem os parentes, os amigos... pras horas de precisão.

ZECA: - Lá no Sul, eu farei novas amizades e quanto à família (abraça Marina) ela segue comigo.

- Ouve-se de novo o apito do Ita.

ZECA (apontando o navio): - Vou pegar este Ita e vou pro Rio morá

- Ouve-se os primeiros acordes de "Peguei um Ita no Norte" (em surdina)

MÃE: - Se é isto o que você quer, meu filho, que Deus te abençoe.

ZECA: - Sim mãe, isto é o que quero.

MÃE (para Marina): - Trouxeram tudo que vão precisar?

MARINA: - Creio que sim.

ZECA (orgulhoso): - Eu vendi todos os troços que tinha.

MARINA: - Alguma coisa... eu... somente de lembrança... deixei pra senhora guardá.

MÃE (esperançosa): - Eu guardo minha filha... até a volta de vocês.

ZECA: - Talvez eu volte pro ano... talvez eu fique por lá...

MAE: - Vai, meu filho, mas escute este conselho: ande sempre direito que é pra Deus te ajudá.

- Os quatro caminham para o navio e encontram os três amigos que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ vêm descendo a escada.

ZECA (abraçando o pai): - Até um dia, meu pai...

- Os outros cumprimentos são silenciosos. Todos estão abafados e não ousam falar.
O casal sobe a escada.

ZECA (virando-se numa última despedida): - Adeus meu pai... adeus minha mãe (com o olhar passando de seus amigos para o horizonte) adeus Belém do Pará!

- Ouve-se o último apito do navio.

ZECA (cantando): - Peguei um Ita no norte
Pra ir pro Rio morá
Adeus meu pai, minha mãe,
Adeus Belém do Pará.

Vendi meus troços que tinha,
O resto eu dei pra guardá
Talvez eu volte pro ano...
Talvez eu fique por lá!

- Zeca e Marina terminam de subir a escada enquanto os passageiros cantam: -

Peguei um Ita no Norte
Pra ir pro Rio morá
Adeus meu pai, minha mãe,
Adeus Belém do Pará!

ZECA (no meio de outros passageiros, no convés): -

Mamãe me deu um conselho
Na hora de eu embará
- Meu filho, ande direito
Que é pra Deus lhe ajudá.

CORO DOS PASSAGEIROS: -

Vendi meus troços que tinha
O resto eu dei pra guardá
Talvez eu volte pro ano...
Talvez eu fique por lá!

TODOS (abanando lenços num último gesto de despedida): -

Adeus meu pai, minha mãe,
Adeus Belém do Pará.

- Luzes diminuem enquanto a cortina lentamente cai.

ATO I: - Cena II

O ITA.

Cenário: - Ao fundo o convés superior do Ita.
Na frente o inferior, com portas que dão para os diversos camarotes.
A escada da cena anterior agora como ligação de um convés para o outro.

Ação: - O comandante do navio, no convés superior, fumando e olhando o mar.

Zeca sai de uma das portas do convés inferior e avança até a boca do palcos. Olha o mar. Sorri e sobe a escada.

ZECA (aproximando-se do comandante):- Boa noite.

CMMTE:- Boa noite.

ZECA:- Como é bonito!

CMMTE:- O mar?

ZECA:- Sim... não é?

CMMTE:- Principalmente aqui... quando se passa tão próximo da praia (levanta a cabeça) e com este luar se pode até ver a onda que quebra lá na praia areia.

ZECA (admirado):- Como é bonito... como é bonito...

CMMTE:- Bonito é verdade... mas perigoso... Quanta gente já não desapareceu dentro desta beleza... nas ondas de mar...

- Zeca não se contém em sua admiração pelo espetáculo e desce a escada correndo. Abre a porta de seu camarote e grita: Marina! Entra e volta logo a seguir puxando Marina.

ZECA (levando Marina até a boca do palco):- Olhe Marina... o mar!

- Antes que Marina possa fixar a vista, Zeca, entusiasticamente, a leva para o convés superior, e se euve "O MAR".

VOZES:- O mar!

O mar!

O mar!

- Aos poucos os passageiros vão enchendo o palco.

PASSAGEIROS:- Vejam!

O mar!

Que bonito!

Como é bonito!

CMMTE (cantando):- O mar
Quando quebra na praia
É bonito... é bonito.

PASSAGEIROS (em coro):- É bonito... é bonito...

CMMTE (ainda cantando):- O mar
Pescador quando sai
Nunca sabe se volta
Nem sabe se fica...

Quanta gente perdeu
Seus maridos... seus filhos
Nas ondas de mar
O mar
Quando quebra na praia
É bonito... é bonito...

- Por um instante todos se deixam ficar com olhar perdido no espetáculo maravilhoso que é o mar.

CMMTE (para Zeca):- Conhece a história de Rosinha e de Pedro?

ZECA:- Rosinha de Chica?

CMMTE:- Sim...

ZECA:- Quem não conhece? (cantando)

Pedro vivia da pesca
Safa no barco seis horas da tarde
Só vinha na hora
de sol raiar...

Todos gostavam de Pedro
 E mais do que todos
 Resinha de Chica
 A mais bonitinha
 E mais bem feitinha
 De todas as mocinhas
 Lá de arraíá

Pedro saiu no seu barco
 Seis horas da tarde
 Passou toda a noite
 Não veio na hora
 De sol raiar

Deram com o corpo de Pedro
 Jogado na praia
 reido de peixes
 sem barco, sem nada
 num canto bem longe
 lá de arraíá

Pobre Resinha de Chica
 Que era bonita
 agora parece que enlouqueceu
 Vive na beira da praia
 Olhando pras ondas
 andando... rondando
 dizendo baixinho:
 morreu... morreu...
 morreu, eh...

CMMTE (após breve pausa): - É... mas não existe apenas uma Resinha de Chica em todo este litoral de Belém ao Rio, ou em qualquer outro litoral... São dezenas, centenas de histórias iguais às de Pedro e Resinha... E esta história irá sempre se repetindo, enquanto existir um moço forte e destemido, uma rapariga bonita e meiga e... (quase que cantando) o Mar!

TODOS (cantando): - O Mar
 Pescador quando sai
 Nunca sabe se volta
 Nem sabe se fica...
 O mar
 quando quebra na praia
 É bonito... é bonito...
 É bonito... é bonito...

- As luzes vão diminuindo até um completo "black-out", acendendo em seguida mostrando

ATO I: - Cêna III

O Ita.

Genário: - O mesmo da cêna anterior.

Ação: - É dia. No convés superior, Zeca contempla o mar. No convés inferior, mulheres sentadas e tampando o ouvido devido a barulhada de garotos que brincam de "roda-piã", à direita fora de palco.

VOZ DA MÃE VAIDOSA: - Meninos, me respeitem!

VOZES INFANTIS: - Devolve o pião.
 É nesse.
 É nesse.

- Entra Mãe Vaidosa que se aproxima rápida da boca do palco e atira o pião no mar.

VOZES INFANTIS: - Velha rabugenta.

Bofe.

Vou contar pro papai

"Oeê" é que devia ir pro mar!

- Segue uma vaia unísona e prolongada.

MÃE VAIDOSA (sentando-se entre a Senhora e a Ingênuas): - Que meninos mal educados.

SENHORA: - Toda criança é assim mesmo.

MÃE VAIDOSA: - Os meus, não!

SENHORA: - Criança que não dá trabalho, é porque não tem saúde.

MÃE VAIDOSA (orgulhosa): - Os meus são os mais fortes do Rio de Janeiro!

SENHORA (maldeza): - Só vende!

MÃE VAIDOSA: - Por que razão a senhora desconfia do que digo? Por acaso... me considera uma mentirosa?

SENHORA: - Sei lá!

MÃE VAIDOSA (levantando-se): - Isto é demais. (sai)

INGENUA (que durante todo o diálogo acima ficou virando a cabeça ora para um lado, ora para o outro, como se estivesse assistindo a uma partida de tenis): - A senhora acredita mesmo que ela seja mentirosa?

- Entra Marina que cumprimenta com a cabeça as mulheres presentes e dirigindo-se para a boca do palco fica ouvindo a conversa e olhando o mar.

SENHORA (desabafando): - Gente que gosta de contar vantagens, não suporta!

SOLTEIRONA: - Nem ~~xxxxx~~ eu!

INGENUA: - Ela saiu danada...

SENHORA: - Não foi a primeira vez... infelizmente, não será a última.

INGENUA: - Será que ela volta?

SENHORA (apontando): - Vejam!

MÃE VAIDOSA (entrando e dirigindo-se a Solteirona): - Não sei onde deixei minha bolsa?

INGENUA (procurando debaixo das cadeiras): - Não está aqui, não senhora.

SOLTEIRONA: - Eu não vi.

SENHORA (para a Solteirona): - Diga-lhe para procurar no camarote dela.

MÃE VAIDOSA (como que lembrando): - Hum... já me recorde... (vai saindo)

SOLTEIRONA: - Está arrependida...

SENHORA: - Arrependida coisa alguma... ela queria era saber se nós estavamos falando mal dela.

SOLTEIRONA: - Sabem o que ouvi a respeito dela?

INGENUA: - O que?

SOLTEIRONA: - Que é uma prenta muito grande...

INGENUA: - É mesmo?

SENHORA: - Isto não é novidade.

SOLTEIRONA: - E o pier, sabe...

INGENUA (interrompendo, tôda curiosa): - ...sim?

SOLTEIRONA: - Dizem... que o marido anda doidinho pra se ver livre dela.

SENHORA: - E eu dou tôda razão a ôle.

INGENUA: - Coitada... ela é tão feia... tão velha... como irá arranjar outro?

SENHORA: - E ainda mais lá no Rio.

INGENUA (espantada): - Porque? No Rio também há falta de homens?

SENHORA: - Não, minha filha, lá tem é muita mulher bonita.

INGENUA (desapontada): - Tem mesmo?

SENHORA: - Pelo menos êstes olhos viram... fazem muitos anos, é verdade, mas dizem que agora tem até mais...

INGENUA (não querendo se conformar): - Mas... elas são muito bonitas?

SENHORA (percebendo a preocupação da moça): - Você não precisa se incomodar. Lá no Sul eu aquino norte, você não chegará a ser uma solteirona.

SOLTEIRONA (sentindo-se ofendida): - Isto é pra mim, é?

SENHORA: - Minha Nossa Senhora, como todo munde hoje está com os nervos abalados.

SOLTEIRONA (desabafando): - Pois claro... dêde que entramos nêste Ita, que a senhora não faz outra coisa a não ser ofender a tôdas nós.

SENHORA (maliciosa): - Ofender... ou dizer a verdade?

SOLTEIRONA (levantando-se, fora de si): - Está bem? Vamos! Diga a verdade a meu respeito; que sou solteirona, que sou feia e por isso não me casei... que jamais me casarei (sua voz aos poucos vai se consumindo pela emoção e ela se retira, em prantos)

INGENUA (pensativa): - Será que algum dia eu serei assim?

SENHORA (bondosa): - Só se você quizer, meu bem.

INGENUA (rápida): - Não, eu não quero! (sonhadora) Eu quero me casar, ter filhos... e também não quero que meu marido fique como o daquela senhora... doidinho pra se ver livre de mim!

SENHORA: - Você vai morar no Rio?

INGENUA (alegre): - Vamos. Meu irmão já tem um emprêgo garantido.

SENHORA: - Se você pretende se casar e continuar morando no Rio... abra o olho.

- Marina começa a dirigir-se para a escada.

INGENUA: - Estão abertas.

SENHORA: - Agora não, sua bobinha. Depois de casada... ou então... lá se vai o seu maridinho!

INGENUA: - Pra onde?

- As luzes começam a diminuir e Marina a subir a escada.

SENHORA: - Com outra mulher, menina, com outra mulher...

- Um foco acompanha Marina subindo a escada, as luzes diminuem e a voz da Senhora continua afirmando: com outra mulher... com outra mulher... com outra mulher...

ZECA: - E porque devo dizer isto?

MARINA: - Pra Santa nos ajudar!

ZECA: - Ela tem de me ajudar... eu... eu sempre acompanhei a precisão dela, não foi?

MARINA: - Sim... e sempre bebado. Você e todos os seus companheiros!

ZECA (com uma reminiscência agradável): - Eta grupinho bom!

MARINA (aproveitando-se do estado de espírito de Zeca): - Zeca... vamos voltar?

ZECA (surpreso): - Voltar? Que idéia é esta?

MARINA: - Há vários dias que não penso noutra coisa... sempre desejando falar com você e sempre sem ter coragem...

ZECA: - Mas voltar, Marina, porque? pra que?

MARINA (não se contendo e abraçando-o): - Tenho tanto mêde...

ZECA (amarese): - Eu não deixarei você e a criança passar fome!

MARINA: - Não é só isso, Zeca...

ZECA: - De que mais você tem mêde...?

MARINA (confessando): - De te perder.

ZECA: - Me perder?

MARINA: - São outras histórias que tenho escutado...

ZECA: - ...escutado?

MARINA (interrompendo): - E eu não quero te perder, Zeca, juro que não!

ZECA: - Eu acredito, não precisa jurar.

MARINA: - E você... ficará sempre comigo... me faz êste favor?

ZECA: - Não é favor nenhum, Marina... eu também não quero te perder.

- Os dois se beijam demoradamente e se ouve em surdina, "Nem eu".

MARINA (afastando-se um pouco): - É tão bom... tão gostoso... quem será que inventou o amor?

ZECA: - Não fui eu.

MARINA: - Nem eu.

ZECA (pegando o tom da música e cantando): -

O amor acontece na vida
 Estavas desprevenida
 E por acaso eu também
 E como o acaso é importante
 Querida
 De nossas vidas
 A vida
 Fez um brinquedo também.
 Não fazes favor nenhum
 Em gostar de alguém
 Nem eu

MARINA (cantando): - Nem eu

ZECA " Nem eu
 Quem inventou o amor

MARINA " Não fui eu

ZECA " Não fui eu

MARINx

MARINA (cantando):- Não fui eu
 Não fui eu

ZECA " Nem ninguém.

- O último verso cantado por Zeca, já não se ouve, pois; no último "Não fui eu" cantado por Marina, ~~mas~~ escuta-se os gritos de Dora, enquanto as luzes apagam no convés superior e acendem na

ATO I:- Cena V

UMA PRAIA NO RECIFE.

Genário:- Na parte de baixo onde existiam as portas, uma cortina onde está desenhada uma paisagem da praia do Recife.
 Num dos cantos de palco, duas jangadas.

Ação:- Tardinha. João Valentão está esbofeteando Dora.

DORA:- Não fui eu! Não fui eu! Não fui eu!

J.V.:- Quem foi então, Dora?

DORA (soluçando):- Foi o tipo que me grudeu, João Valentão, juro que foi

J.V.:- E você... porque não reagiu?

DORA:- Pelo mesmo motivo que não tou reagindo agora! (violenta) Tenho forças? tenho?

J.V. (jogando-a na areia):- Não se faça de vítima... não topo isto!

DORA:- Uns ~~grunhi~~ brutos, o que vocês homens são (gritando) todos vocês!

J.V.:- Pode gritar à vontade... aqui na praia ninguém ouve e sem ouve... não ligam importancia.

DORA:- Covarde! Batendo em mulher!

J.V.:- Você é minha, não é?

DORA:- E daí? Isto lhe direito de me espancar?

J.V.:- Sim... todas as vezes que você não andar direito!

DORA:- Como se você fosse um santo...

J.V.:- Não se meta na minha vida!

DORA:- Mas a minha vida é da sua conta, não é?

J.V.:- É!

DORA (provocante):- Pois fique sabendo que eu faço o que bem entende!

J.V. (ameaçador):- Mais uma traição sua...

DORA (histérica, batendo com os punhos na areia):- Mas eu não te trai, criatura, eu não te trai... não te trai!

J.V. (agressivo):- Dora, por acaso eu sou cego?

DORA:- Não João Valentão, você não é cego (gritando). você é um idiota!

J.V. (no mesmo tom de Dora):- Deve ser... pra gostar de você!

DORA (amolecida pela violenta confissão):- Você... gosta mesmo de mim?

J.V. (perturbado, querendo mudar o rumo da conversa, continuando o que vinha dizendo antes):- ... mais uma traição sua e você vai ver o que te acontece!

DORA (meiga):- João Valentão... (vendo que ele não responde) João Valentão (falando como criança) eu também gosto muito de você (levantando

e abraçando J.V.) eu te jure... eu não vou te trair mais não, tá ouvindo?

J.V. (empurrando Dora com violência):- Confessa, hein?

DORA (histórica, denove):- Baiano bruto! Selvagem! "Arbano!" (irritada pela apatia demonstrada por J.V. ante seus insultos) Não sei porque vivo com você!

J.V. (com frieza aparente):- Se não quiser viver mais comigo é só ir embora. Mulher não falta!

DORA (posséssa):- Nem homens tão pouco!

- João Valentão, transtornado, caminha agressivo em direção a Dora. Esta vai recuando, arrastando-se pela areia, temerosa de levar outra surra de seu homem. Nisto ela avista algo no oceano e seus olhos brilham.

DORA (levantando o braço e apontando):- Olha! É o navio, João Valentão, e Ita!

- João Valentão se vira para o lugar indicado.

DORA (levantando-se):- É nêle que vamos pro Rio. (dá dois passos em direção de seu companheiro. Para.) Eu... vou pra casa arrumar minhas cousas... (dócil) você quer que eu arrume as suas cousas também?

J.V. (após breve pausa, sério):- Pode arrumar!

- Dora sorri satisfeita e sai correndo.

João Valentão se volta e ainda vê Dora desaparecendo.

Zangado consigo mesmo dá um pontapé na areia.

Ouve-se, em surdina, "João Valentão", enquanto ôle, por um breve momento, permanece pensativo.

A música aumenta e João Valentão começa a cantar:-

João Valentão
é brigão
Pra dar befetão
não presta atenção
e nem pensa na vida.
A todos João intimida;
Faz cousa que até Deus divida,
mas... tem seu momento na vida...

É quando o sel vai quebrando
lá profim do mundo
pra noite chegar.
É quando se ouve mais forte
o renco das ondas na beira do mar
É quando o cansaço da lida da vida
obriga João se sentar
É quando a morena se encolhe
se chega pro lado querendo agradecer

Se a noite é de lua
a vontade é contar mentira
é se espreguiçar...
Deitar na areia da praia
que acaba onde a vista não pode alcançar...

E assim adormece esse homem
que nunca precisa dormir
pra senhar,
porque não há sonho mais lindo
do que sua amada,
não há.

- Lentamente, João Valentão se aproxima das jangadas. Senta-se num caixote que encontra e acende um cigarro.
Do lado oposto entram pescadores acompanhados de suas esposas, noivas, namoradas.
João Valentão, imediatamente, perde o seu ar "pensativo" e assume atitude de "homem duro" começa a andar em direção do grupo.
Enquanto João Valentão vai passando por eles:

PESCADORES: - Alô, João Valentão.

Vai mesmo amanhã?

"Alá", e seu Ita tá entrando...

MULHERES: - Dera passou pela gente que nem bala.

"stava chorando...

"rigaram denovo?

Ou era de alegria?

- João Valentão não responde a ninguém. Secamente, deixa escapar um "Alô" e sai.

O grupose aproxima das jangadas. Uns sã bem, outros desaparecem por detrás.

Ouve-se os primeiros acordes de "Antiga de Noiva"

Um casal, bem jovem ainda, permanece afastado dos outros. Eles se olham apaixonadamente.

TARCILIO (arrumando a jangada e gritando para o jovem enamorado): Lino!

LINO (gritando): - Já vou! (para sua noiva): - Até amanhã, bem cedinho!

NOIVA (cantando): - É tão triste ver partir
Alguém que a gente quer
Com tanto amor
E suportar a agonia
De esperar voltar
Viver olhando o céu e o mar
Sofrendo sem poder chorar
A incerteza a torturar
A gente fica só
Tão só
É triste esperar...

TARCILIO (impaciente): - Lino!

LINO: - Não fique triste...

TARCILIO: - LINO! LINO!

NOIVA: - Até amanhã... (Lino corre para a jangada).

LINO (cantando): - Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer.

CORO DOS PESCADORES: - Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer.

- Lino, Tarcilio e outros pescadores empurram as duas jangadas para fora do palco.

As mulheres permanecem na praia olhando o mar e abanando as mãos em despedida.

UMA ESPOSA: (cantando): - Adeus, adeus
Pescador não se esqueça de mim
Vou rezar pra ter bom tempo
pra não tê tempo ruim

Vou fazer sua caminha macia,
perfumada de alecrim.

- As mulheres, por um instante, se concentram. Umaz rezam de joelhos outras, em pé. Todas rezam pelos seus homens. Ouve-se o tema de "Vamos chamar o vento".

NOIVA (quebrando o silêncio): - Parece que vai ser uma noite clara

ESPOSA (olhando o céu): - Pelo menos não haverá tempestade.

OUTRA ESPOSA: - O ar está tão calmo...

OUTRA ESPOSA: - Coitados, vão demorar a chegar em alto mar.

NOIVA: - Coitado do Lino (sugerindo) Vamos chamar o vento?

ESPOSA (falando, porém, acompanhando o ritmo da música): - Vamos chamar o vento... vamos chamar o vento...

OUTRA ESPOSA (no mesmo tom): - Vamos chamar o vento.

OUTRA ESPOSA " " Vamos chamar o vento.

TODAS (cantando): - Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento
(assoviam)

NIVA: (cantando) Vento que dá na vela
Vela que leva o barco
Barco que leva a gente
Vento que leva o peixe
Peixe que dá dinheiro;
Curiman

TODAS (cantando): - Curiman é
Curiman lambaio
Curiman
Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento
(assoviam)

ESPOSA Vento que dá na vela
Vento que vira o barco
Barco que leva a gente
Vento que leva o peixe
Peixe que dá dinheiro
Curiman

TODAS: - Curiman é
Curiman lambaio
Curiman
Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento

- Enquanto assoviam, vão saindo na mesma direção em que as jangadas desapareceram, como que indicando que elas embora tivessem ficado continuam, durante toda a noite, bem juntinhas de seus homens. As luzes diminuem até um completo "black-out" e acendem em seguida mostrando

ATO I: - Cena VI

UMA PRAIA NO RECIFE.

Cenário: - O mesmo da cena anterior.

Ação: - Manhã. Tarcílio, Lino e outro pescador ocupados em estender as redes para secar.
Do lado oposto entra Zeca, caminhando em passos lentos e completamente absorvido pela beleza do local.

- Os pescadores reparam em Zeca. Entroolham-se como que perguntando: "Você conhece?", e como todos os três abanam a cabeça negativamente, levantam os ombros e voltam ao trabalho.

ZECA (aproximando-se dos pescadores):- Bom dia...

PESCADORES:- Dia...

TARCILIO:- Perdido moço...?

ZECA:- Passeando.

TARCILIO:- Cêdo, não é?

ZECA:- Tenho pouco tempo.

TARCILIO:- Não é daqui moço?

ZECA:- Belém do Pará.

TARCILIO:- Indo pra onde?

ZECA:- Pro Rio.

TARCILIO:- ...fazê?

ZECA:- Trabalhar.

TARCILIO:- O que faz?

ZECA (levantando os ombros):- O que precisá.

PESCADOR (entrando na conversa):- Tá aí no Ita?

ZECA:- Tou.

PESCADOR (para Lino):- É aquêle que passamos pertinho ontem à tardinha, se lembra?

LINO:- Se me lembre... quase que êle nos pega.

TARCILIO:- Pudera... o ar tinha menos força do que a respiração da gente

ZECA (alegre):- Eu ví.

TARCILIO:- O que?

ZECA:- Vecês... passar perto do navio... eu vinha acompanhando esta ~~pra~~ praia dêsde lá de cima e pensando: a primeira coisa que vou fazer chegando lá no Recife será ir até aquela praia...

E Estas últimas palavras Zeca pronuncia com um enfraquecimento na voz, enquanto seus olhos se abrem de espanto e admiração ao ver Dora entrar, carregando uma mala e um saco de viagem. Tarcilio, de frente para Zeca, se espanta com a mudança de fisionomia de Zeca e se volta.

TARCILIO (reconhecendo Dora):- Bom dia ,Dora.

DORA (Sêca):- Dia... Tarcilio.

TARCILIO:- Já vai...?

- Dora não lhe dá atenção e continua a andar. Logo depois trepeça num banco de areia e cai.

Zeca faz menção de ir ajudá-la, mas Tarcilio e segura pelo braço e com a cabeça sugere que êle não se meta.

ZECA:- Quem é?

TARCILIO:- Mulher de João Valentão.

ZECA (na mesma):- Oh!

TARCILIO:- E êle não gosta que ninguém chegue perto de Dora.

ZECA (suave):- Dora...

PESCADOR:- Principalmente estranhos!

ZECA: - Só quis ajudá.

- Dora se levanta, limpa a areia do vestido, apanha a mala e o saco dá dois passes, para, limpa o suor do rosto.

Os quatro homens acompanham todos os movimentos de Dora. Ela sai.

PESCADOR: - Será que ela vai sózinha pro Rio?

TARCILIO: - Duvide.

ECA (interessado): - Ela... vai pro Rio?

TARCILIO: - Vai dançar lá num teatro de uma tal Praça Tiradentes...

ZECA (pensando alto): - Ela dança...

TARCILIO: - Moço... ninguém dança nem requebra melhor do que Dora (orgulhoso) ~~essa~~, a nossa Rainha do Frêve e do Maracatú.

- Pescador que ainda continuava acompanhando a figura de Dora que sumia pela praia afora, dá um assovio.

PESCADOR: - Caiu de neve.

- Zeca olha e não se contentando, corre atrás de Dora

TARCILIO (gritando, advertindo): - Moço... não se meta!

- Os pescadores levantam displicentemente os ombros e voltam ao trabalho.

PESCADOR (após breve pausa): - Tarcilio...

TARCILIO: - Hum...

PESCADOR: - Pensa no que eu tou pensando?

TARCILIO: - Se João ^Vab não aparecer...

PESCADOR: - Sim...

LINO: - Vai ser divertido.

PESCADOR: - E outra coisa...

TARCILIO: - O que é?

PESCADOR: - Se Deravencer lá nesta tal praça, quando voltar aqui nós todos vamos ter de pagar ingresso num destes teatros pra ver ela dançar

TARCILIO (após ligeira reflexão): - Homem... tem razão! (apressando)

Vamos guardar isto.

LINO (surpreso): - Já?

TARCILIO: - Os maracatus vão homenagear Dora, vai haver briga...

PESCADOR: - Isto é quase certo...

LINO: - E Dora vai dançar de graça.

TARCILIO: - Talvez pela última vez.

PESCADOR: - Vamos, minha gente, depressa!

- Os três começam a enrolar a rede, enquanto as luzes apagam na praia, acendendo logo após, no

ATO I: - Cêna VII

Cais do Recife

Cenário: - O mesmo da Cêna I.

Ação: - Passageiros embarcando no meio de pequena multidão que ali se encontra numa demonstração de popularidade de Dora. O convés de navio, cheio de passageiros. Ouve-se os clarins de uma banda.

VOZES: - Lá vem a banda!
 Lá vem a banda!
 Lá vem a banda!
 É a Banda Militar.

- Entra a Banda Militar, recebendo aplausos dos presentes. Em seguida, um maracatu, com Rei, Rainha, Dama de Paço, etc. Também são aplaudidos.

VOZES: - Agora vem Dora!
 Lá vem ela!
 O Dora! O Dora!

- Dora, acompanhada de um pequeno grupo, faz sua entrada. Aplausos e assovios. Dentre os que acompanham Dora, está Zeca. Já não mais carrega os pertences de Dora, mas a segue apaixonadamente. Todo o grupo se aproxima da escada. Os que carregam a bagagem de Dora se aproximam mais. Zeca se oferece para pegar a bagagem, quando, inesperadamente aparece João Valentão que lhe dá um empurrão, pegando as malas. Zeca quando levanta já está cercado de populares e não pode reagir.

VOZES: - Dança pragate, Dora.
 Dança.
 Dança.
 Um frêve.
 Um frêve.

- A banda começa a tocar um frêve, e Dora a dançar. Os populares a acompanham. Zeca sobe uns degraus na escada e fica admirando. Marina, entre os passageiros no convés, acompanha todos os movimentos de Zeca. Ouve-se o apito do navio. O apito veio como que ativar o frenesi geral. E com todos dançando o frêve, o navio apitando, a cortina desce no final do

SEGUNDO ATO

De Recife à Bahia.

ATO II: - Cêna I

O ITA

Cenário: - O mesmo da Cêna III, Ato I, mas sômente o convés superior é visível.

Ação: - Luzes iluminam Dora e Zeca, no convés superior, se beijando. Beijam-se prolongadamente, e depois permanecem por um instante abraçados.

ZECA (afastando-se um pouco): - Dora...

DORA: - Humm..

ZECA: - Não é bom, Dora...

DORA (surpresa, porém meiga): - Não gosta bichinho?

ZECA: - Quero dizer... êstes encontros... não tá direito!

DORA (afastando-se, maliciosa): - Mêdo?

ZECA (superior): - De que?

DORA: - João Valentão.

ZECA: - E por que vou ter mêdo dêle?

DORA (abraçando-o, de novo): - Pensei.

ZECA (querendo impressionar): - Sou forte, não sou?

DORA: - Ele é valente.

ZECA: - Que não se meta comige!

DORA: - Já se meteu...

ZECA (afastando-se um pouco): - Quando?

DORA: - Na hora de embarcar.

ZECA: - Aquile? Porque ia eu de brigar?

DORA: - Por mim!

ZECA: - Eu não tinhanada contigo.

DORA: - E agora, tem?

ZECA (abraçando-a): - Bem sabe que sim.

VOZ DE JOÃO VALENTÃO: - Dora! Dora!

DORA (afastando-se): - Agora... seria capaz de brigar por minha causa?

ZECA (compreendendo o que Dora significava): - Seria.

DORA: - Ele... me procura...

ZECA (decidido): - Deixe procurar.

DORA: - E... se eu perco João Valentão...? (vendo que Zeca nada diz). você, fica comige?

ZECA (nervoso): - Estou inde pro Rio, não tou?

DORA: - Mas não por minha causa...

ZECA (tentando abraça-la, mas não conseguindo): - O que importa é ~~zicar~~ a gente ficar sempre junto, não é?

DORA (positiva): - Não Zeca... homem meu não é pra ser dividido (inquisitiva) quem ~~xxxxxxx~~ você quer: Eu... ou sua mulher?

ZECA (perturbado): - Não sei Dora, não sei... não sei...

VOZ DE J.V. (agora aos berros): - DORA! DORA!

DORA (enraivecida com a indecisão de Zeca):- Ele pelo menos sabe.
(sai correndo)

- Zeca fica só, enquanto a orquestra começa a tocar "Não tem solução". Após uns segundos de reflexão, Zeca canta:-

Me aconteceu um novo amor
Que não podia acontecer
Não era hora de amar
Agora e que eu vou fazer...

Não tem solução
Esse novo amor
Um amor a mais
Me tirou a paz
E eu que esperava
Nunca mais amar
Não sei e que faça
Com esse amor de mais...

Não tem solução
Esse novo amor...

- As luzes apagam em Zeca e acendem, na parte inferior no

ATO II:- Cena II

OITA

Cenário:- Camarote de Dora/João Valentão.

Ação:- Ao mesmo tempo que o cenário é iluminado, a porta do camarote se abre violentamente e Dora é empurrada para dentro, entrando João Valentão em seguida.

DORA (sentando-se no beliche inferior):- Brute!

J.V. (violente):- Onde está?

DORA:- Precure!

J.V. (revirando tudo como um alucinado):- Recebendo bilhetinhos...

DORA (aproximando-se, dengosa):- Meu João Valentão... tá com ciúminho...

J.V. (repelindo-a):- Ciúmes? Bah! Todo mundo viu Dora!

DORA:- E você?

J.V.:- Ouvi.

DORA:- Ouviu e pronte... tinha de sair berrando como um maluco...!

J.V.(agarrando-a):- Eu tinha de te encontrar (sacudindo Dora) Onde está?

DORA (livrando-se, sentando-se no beliche):- Aqui. (tira da manga de vestide um pedaço de papel já todo amarrotado e joga no chão).

J.V.(apanha o papel, lendo o que está escrito com extrema dificuldade):- Dora... rainha do frêve e do maracatú... te conheci no "ecifa... meu bem passar (sua raiva vai aumentando à medida que lê) no meu pensamento eu te vejo... requebrando pra cá... ora pra lá... meu bem! (entre dentes) abra da peste! (faa menção de sair)

DORA (levantando-se de um pulo e barrando-lhe o caminho):- Não vai sair.

J.V.:- Vou ensinar aquele cabra que com mulher de outro...

DORA (interrompendo):- Isto é letra de uma canção!

J.V. (dando uma risada nervosa):- Ah! Ah!

DORA (arrancando o papel das mãos de J.V., cantando):-

Dora
 Rainha do frêve
 e do maracatú
 Dora
 Rainha cafuza de um maracatú...

J.V. (arrancando o papel das mãos de Dora, gritando): - Basta!

DORA: - Acredita agora?

J.V.: - Sim... em tudo que ouvi.

DORA (impaciente): - Mas criatura... você não ouviu a música?

J.V.: - Por isso mesmo, Dora (sacudindo-a): Como foi que você aprendeu a música, hein, Dora?

DORA: - Tenho ensaiado, para dançar e cantar amanhã na festa do Comandante. Que mal há nisse?

J.V. (dando-lhe um tapa): - Não minta!

DORA (em desespero): - Zeca não me interessa... (com raiva) é... casado.

J.V. (soltando-a, como que descobrindo uma verdade): - Então foi por isso...

DORA (desconfiada): - Isto... e que?

J.V.: - Você veio correndo quando chamei... e aquele abraço... aquele beijo (alucinado) tudo... porque ele preferiu ficar com a outra, (debechando) ele preferiu a outra e não você! (dá uma gargalhada) Ele não te quis! Ele não te quis! Ele não te quis!

DORA (posséssa, gritando para abafar os risos e as palavras de J.V.): Fui eu que não quis tá ouvindo? Fui eu que não quis! Fui eu!

- João Valentão encara Dora, perplexo.

DORA (vingativa): - Ria agora, ria!

- João Valentão, sem dizer uma só palavra começa a tirar o cinto.

DORA (apavorada, afastando-se em direção à porta): - Não... não... Não, não João Valentão... Eu grite, juro que grite... nós não estamos lá na praia... não... Eu grite e eles te pegam, você vai ver.

João Valentão termina de tirar o cinto e avança sobre Dora. Ela abre a porta e sai correndo gritando: - Não! Não! Não!

- João Valentão a segue, enquanto as luzes apagam e acendem no outro lado do palco mostrando

ATO II: - CENA III

O ITA

Cenário: - Camarote de Marina/Zeca.

Ação: - Marina está deitada no beliche inferior. Os gritos de Dora chegam até ela. Senta-se na cama, assustada e fica acompanhando os gritos de Dora que aos poucos vão desaparecendo. Aos gritos se segue o choro da criança.

Marina se levanta e olha no beliche superior. - Está vazio. - Volta a sentar-se e, automaticamente, vai acariciando a criança e cantando: -

É tão tarde...
 A manhã já vem.
 Todos dormem
 A noite também...
 Só eu velo...

Por você, meu bem.
Dorme anje.
O boi péga nenem.

Lá no céu,
Deixam de cantar
Os anjinhos
foram se deitar
Mamãesinha
Precisa descansar
Dorme, anje.
"Papae vai lhe ninar"... ..

- Neste último verso a porta se abre e entra Zeca.
Marina e Zeca, por um momento, permanecem silenciosos. Ambos
querem falar, mas nenhum ousa ser o primeiro.
A criança recomeça a chorar.

MARINA (cantando):- Lá no céu,
Deixam de cantar
Os anjinhos
foram se deitar
Mamãesinha
Precisa descansar
Dorme, anje
"Papae vai lhe ninar"... (ela encara Zeca)

ZECA (avançando e cantando):- Boi, boi, boi
boi de cara preta
Pegue esta menina
que tem medo de careta

- Marina e Zeca se olham, um pedindo desculpas e o outro perdendo.

MARINA E ZECA (juntos, de mãos dadas):- Boi, boi, boi
boi de cara preta
pegue essa menina
que tem medo de careta.

- A música vai num crescendo, enquanto Marina e Zeca se abraçam e
se beijam e as luzes diminuem até completo "black-out" e acendem
no

ATO II:- Cena IV

O ITA

Cenário:- Na parte inferior o salão de jantar do Ita.
Mesas longas com bebidas e salgados, num dos cantos.
Cadeiras do outro lado, onde as senhoras conversam.

Ação:- Os homens, ininterruptamente, virando copos de cerveja ou
cecos com cachaça. A maioria dos homens já bastante alcoolizada.
Ao fundo, perto da escada que serve de comunicação da sala
com o convés superior, Zeca, toca uma canção a qual está sendo
dançada por alguns pares jovens.
Ao iniciar a cena, Zeca dá os últimos acordes na sanfona.
Os pares se retiram. As moças vão para junto das senhoras e os
moços para perto das mesas.
Os homens soltam uma estrondosa gargalhada.
Entram Mãe vaidosa de braços com o Comandante.

MÃE VAIDOSA: (para as mulheres presentes):- Está tudo arranjado.

- Do lado dos homens rebenta outra gargalhada.

SENHORA:- Eles estão ficando ruim...

COMTE (complacente):- Deixe...

SENHORA:- Nós já estamos mesmo acostumadas com barulho...

MÃE VAIDOSA (satisfeita em ter sido a primeira a saber):- Então, vocês não sabem? O Comandante já conversou com eles e aquilo não mais se repetirá.

SENHORA:- Será?

MMTE:- Principalmente porque eles amanhã vão saltar em Salvador.

SENHORA:- Pra ficar?

MMTE:- Pra ficar!

SENHORA (avistando Dora descendo a escada):- E até lá?

MÃE VAIDOSA:- Que pode acontecer?

SENHORA (mostrando Dora):- Tudo.

- Neste momento, os homens de frente para a escada, vendo Dora começam a assoviar, como uns malucos. Dora está muito pintada e usa um vestido muito colante. As mulheres tomam atitudes de ofendidas.

MÃE VAIDOSA (para o Comandante):- E agora?

- O Comandante nada diz, pois, como os outros homens está excitado pela entrada de Dora.

MÃE VAIDOSA (para as outras mulheres):- Vocês vão ficar?

- Ela sai, sendo acompanhada quase que imediatamente pela Solteirona. As outras mulheres troçam olhares e decidem que também devem se retirar.

As que tem filhas levam-nas, embora as mesmas não queiram ir.

As que tem marido tem um pouco de trabalho em puxá-los da bebida e dos encantos que irradiam de Dora.

Dora como uma rainha, assiste a tudo, do 3º degrau da escada.

As mulheres se retiram, ficando apenas Marina e a Senhora.

Marina encara Zeca. Este abaixa a cabeça e começa a esticar as cordas do violão, que se encontrava ao seu lado.

Dora olha vitoriosa para Marina.

Senhora abraça Marina e sai retiram.

Agora no salão só restam uns oito homens, incluindo o Comandante e Dora.

UM HOMEM (aproximando-se da escada):- Como é Dora, dança pra gente?

DORA (orgulhosa de sua vitória e descendo):- Claro... e se vocês quiserem durante toda a noite (olhando significativa para o Comandante) Esta é minha última noite no Ita.

- Zeca e Dora se olham fixamente. Os homens soltam um oh! antido.

DORA (para Zeca):- Anime-se homem! Vou ensinar a esta turma a sua nova música... Vamos (começa a cantar):- Dora

Rainha do frevo
e do maracatã.

- Zeca começa a tocar, enquanto os homens gritam: Viva! Viva! e assoviam, as luzes diminuem, uma cortina se fecha, e as luzes acendem no

ATO II:- Cena V

O ITA

Cenário:- Um corredor do Ita.

Ação:- Entram Marina e a Senhora, como saíram da cena anterior. Marina se livra do abraço maternal da Senhora e escondendo o

resto entre as mãos e começa a chorar.

SENHORA (aproximando-se): - Não chore, minha filha.

MARINA: - Como pode acontecer...

SENHORA: - Sempre acontece.

MARINA: - ...e num lugar estranho... eu...sem amigos, sem parentes, ninguém prame ajudar.

SENHORA: - Eu te ajudo.

MARINA: - Obrigada, mas a senhora não compreende.

SENHORA: - Compreendo sim, minha filha... já fui moça e como você... gostei de um homem.

MARINA (interessada): - E... Ele também...

senhora: - Também.

MARINA: - E o que é que a senhora fez?

SENHORA: - O que toda mulher faz: - chorei!

MARINA (limpando lágrimas): - ... e depois?

SENHORA: - Perdi meu homem.

MARINA (desiludida): - Oh!

SENHORA: - Não tive ninguém pra me ajudar.

MARINA: - Como eu.

SENHORA: - Não, Marina, você tem... (resoluta) Lute, Marina!

MARINA: - Lutar? Como? Que posso fazer?

SENHORA: - Se pinte, vista uma roupa bonita e volte lá pra festa.

MARINA (espantada): - Me pintar (passa a mão pelo rosto) me besuntar como aquela...

SENHORA: - Não é isto o que eles querem?

MARINA (indecisa): - ...é!

SENHORA: - E nós não queremos eles?

MARINA (mais segura): - ...sim!

SENHORA: - E então?

- Marina reflete um pouco e lentamente começa a dirigir-se para fora do palco. A Senhora a segue.

MARINA (quase saindo): - A senhora me arranja a pintura? arranja?

SENHORA: - Claro... claro... claro...

- As luzes apagam, a cortina se abre e as luzes voltam a iluminar o salão de ITA.

ATO II: - CENA VI

O ITA

Cenário: - O mesmo da Cena IV do Ato II.

Ação: - Zeca e Dora em cima do pequeno tablado, terminando de ensaiar os que ficaram. O Comandante mantém-se afastado.

DORA (como mestre de cerimônias): - Bom... já aprenderam?

TODOS: - Já.

UM HOMEM: (cantando): - Dora! O Dora!

DORA: - Psiu! Espere pelos outros.

TODOS (para o que cantou sozinho): - Cala a boca, idiota!

UM HOMEM: - Idiota é...

TODOS (abafando o que êle pretendia dizer): - Psiu! (segue-se uma vaia)

DORA: - Vocês querem ou não querem me ver dançar?

TODOS (amigos, denovo): - Dança Dora, dança!

DORA: - Então não briguem.

TODOS: - Não.

DORA: - Zeca canta, vocês fazem o coro e eu danço, tá bem?

- Os homens aplaudem a idéia e assoviam.

ZECA (cantando): -

Dora

Rainha do frêvo

e do maracatú

Dora

Rainha cafuza de um maracatú

Te conheci no Recife

das pontes, dos bairros, das fontes
coloniais.

Dora - chamei.

CORO DOS HOMENS (dirigido por Dora): - Dora! O Dora!

- As moças que haviam saído contra vontade, sorratamente, vão voltando, assim como alguns jovens.

ZECA (continuando a cantar): -

Eu vim a cidade

pra ver meu bem passar

O Dora...

Agora... no meu pensamento

eu te vejo requebrando pra cá

era pra lá, meu bem

CORO DOS HOMENS: - Os clarins da Banda Militar

tocam para anunciar:

- Sua Dora agora vai passar!

- Venham ver o que é bom!

ZECA (sozinho)

O Dora, rainha do frêvo

e do maracatú

TODOS:

Ninguém requebra nem dança

melhor do que tú.

- a orquestra começa a tocar um frêvo e Dora, fazendo jús a letra da canção, começa a dançar e requebrar.

Os homens ficam transtornados. A bebida, a música e o requebrar da Dora, tomam conta do ambiente.

Uns viram mais côcos com cachaças.

Outros gritam e assoviam.

Outros, mais afoitos, pulam para o meio do salão e tentam acompanhar Dora nos seus requebrados.

As moças, também não se contém e logo todos estão dançando.

Dora passa pelo Comandante e ajudada por outras moças, puxam o capitão para o meio do salão. Ele demora, mas ~~admira~~ adere.

Dora se livra do grupo e vai até onde se encontra Zeca e também o puxa para o meio da folia.

A confusão é geral.

Entra Marina, tôda enfeitada e pintada.

Os primeiros que a notam, param extasiados, pois, Marina está linda.

Outros casais, na loucura de rodeopiar, batem nos que estão parados e vendo qual o motivo, também param.

Um por um, todos vão parando e ficam admirando Marina.
Dora e Zeca são dos últimos a perceber.
Então, todos ~~param~~ param, como se tivessem sido eletrocutados.
A música continua, porém, mais em surdina.

ZECA (deixando Dora e aproximando-se de Marina):- Marina!

MARINA (tentando parecer natural):- Estou bonita... tou?

HOMENS (assoviando):- Fiu... Fiu...

ZECA (violento):- Parem com isto!

- A música recomeça mais alta, os homens levantam os ombros, Dora segura o primeiro homem ao seu lado e recomeça a dançar. Os outros parem fazem o mesmo.

Zeca puxa Marina pelo braço e a leva para o fundo do palco, obrigando-a a subir a escada, enquanto as luzes e música vão diminuindo...

ATO II:- Cena VII

O ITA

Cenário:- Convés superior do Ita.

Ação:- Zeca e Marina terminando de subir a escada.

ZECA (mirando-a, grave):- Marina... você se pintou.

MARINA:- Que mal há nisso?

ZECA:- Eu não gosto.

MARINA:- Tôdas as mulheres se pintam.

ZECA:- Mas não você

MARINA:- Não sou como as outras?

ZECA:- Não, Marina (sincero) você já é bonita como é...

MARINA:- E assim?

ZECA:- Horrerosa.

MARINA:- Os homens assoviaram lá em baixo.

ZECA:- Estão bebados.

MARINA:- Só por isso?

ZECA (nervoso):- Porque mais poderia ser?

MARINA:- Porque... seu mais bonita assim.

ZECA:- Você está horrerosa, já disse (tirando um lenço do bolso) Aqui...
limpe esta sujeira.

MARINA (recusando aceitar o lenço):- Isto não é sujeira.

ZECA (irritado):- Marina, não me provoque. Limpe isto!

MARINA (provocante):- Então me dê um beijo primeiro.

ZECA (surprêso):- O que?

MARINA:- Que espanto é este? Sou sua mulher, não sou?

ZECA:- Você tá falando e agindo como uma destas por aí...

MARINA (enfurecida):- Como Dora, por exemplo?

ZECA:- ~~XXXXXXXXXXXX~~ Não ponha Dora nesta história.

MARINA:- Que história, "eca?

ZECA:- De que você está fazendo.

MARINA

MARINA (coquete):- Apenas me pinteí...

ZECA:- E eu não quero te ver mais assim.

MARINA (decidida):- Poisé md hor ir se acostumando.

ZECA (advertindo):- Marina, não me faça perder a paciência

MARINA (irônica):- Bravos... aprendeu depressa! Quem irá gritar esta noite por socôrre, serei eu...

ZECA (desesperado):- Pare com estas bobagens... eu tou ficando nervoso.
- Ouve-se, em surdina, "Marina".

MARINA:- "em motivo.

ZECA (mais calmo):- Eu... eu... bolas, já nem posso falar.

MARINA:- E com Dora... isto também acontece? Ou com ela você não precisa falar?

ZECA:- Marina... oh! Marina (pegando o tema da canção)

Marina, morena
Marina você se pintou.
Marina, você faça tudo
Mas, faça um favor:
Não pinte esse rosto que eu gosto
Que eu gosto e que é só meu
Marina você já é bonita
Com o que Deus lhe deu.

Me aborreci, me zanguiei
Já não posso falar
E quando eu me zango, Marina
Não sei perdoar.
Eu já desculpei muita coisa...
Você não arranjava outro igual
desculpe Marina, morena,
Mas eu tou demal,
de mal com você,
de mal com você.

- Quando Zeca termina de cantar a canção, Marina faz menção de abraça-lo, mas Zeca se afasta.

ZECA:- Vai tirar esta sujeira?

MARINA (resoluta):- Não!

- Zeca sem dizer uma só palavra, dirige-se para a escada.

MARINA:- Zeca! Zeca!

- Zeca desce as escadas, enquanto o salão volta a ser iluminado.

HOMENS:- O Zeca tá de volta.
Vamos dançar a umbigada?
Como é isto?
Num instante se aprende

- Ouve-se a "Umbigada".

HOMENS:- Assim.

É fácil.

Isto... isto mesmo

- Zeca aproxima-se de Dora e os dois começam a dançar.

- No convés superior, Marina, sentindo-se só, dá dois passos para se retirar quando avista João Valentão que vem entrando do outro lado.

Na semi-escuridão e estando Marina toda pintada J.V. não a reconhece.

- Zeca e Dora se destacam no meio dos dançarinos.

HOMENS: - Agora!
Bequebre mais, Dora!
Olhem, Zeca e Dora!
Zeca e Dora!

(risos e aplausos, assovios)

- João Valentão, no convés superior, caminha resoluto para a escada quando reconhece Marina. Fica boquiaberto. Os ruidos da festa lá de baixo e mais a citação continua dos nomes de suas pessoas queridas, unem João Valentão e Marina. Sem dizer uma só palavra, êles decidem descer e enfrentar lá no salão, as duas pessoas que adoram. Marina começa a descer a escada, acompanhada de João Valentão, enquanto as luzes apagam no convés superior.

Ato II: - Cena VIII

O ITA

Cenário: - O mesmo da cena anterior, somente a parte de baixo iluminada.

Ação: - Todos estão dançando e continuando a beber.

João Valentão abraça Marina e começam a dançar.

Os primeiros que percebem a presença do novo casal, se afastam, pois, intimamente, êles sentem que aquilo vai dar em briga.

Afastando-se os demais, J.V./Marina encaram Dora/Zeca.

A primeira reação de Zeca é avançar sobre J.V. Dora não permite.

A orquestra começa a tocar "Tira a mão Flô"

Acintosamente, João Valentão volta a abraçar Marina e recomeça a dançar.

Dora também não perde tempo e obriga Zeca a se movimentar.

Os outros não entram na dança, mas batem palmas, acompanhando o ritmo.

João Valentão vendo o sucesso que estão fazendo se entregam de corpo e alma à dança.

Zeca, completamente transtornado, não consegue mover as pernas, o que deixa Dora alucinada. Vendo que nada consegue de seu par, Dora o abandona no meio do salão, aproxima-se da mesa, apanha um copo cheio de cerveja e aproximando-se de Marina atira o líquido no rosto dela.

João Valentão, irritado, levanta o braço para esbofetear Dora, mas Zeca, próximo, segura-lhe o braço e com a mão direita lhe dá um tremendo soco.

Marina passado o susto, avança sobre Dora.

João Valentão se refaz de soco e volta para brigar com Zeca,

Os quatro rolam pelo chão.

Os que assistem começam a torcer.

O Comandante tenta apaziguar os lutadores, recebe um empurrão.

Os outros homens lhe dão uma vaia, pois, todos estão se divertindo com aquele espetáculo.

Mas o Comandante insiste em que se pare com a briga e logo um dos apreciadores um pouco mais alcoolizado, lhe dá um soco. O Comandante reage. O outro lhe dá outro bofetão.

Surge alguém para defender o Comandante.

A briga se generaliza.

As garotas começam a gritar.

As mulheres que haviam se retirado, voltam, algumas já vestidas com roupas de dormir.

Todas são empurradas e logo também se encontram na confusão.

E com todos brigando, a música num ritmo bem rápido a cortina vai fechando e as luzes apagando.

Ato II: - Cêna IX

O ITA

Genário: - Camarotes de Dora/J.V. e de Marina/Zeca.

Ação: - Marina, no seu camarote e Dora, no dela, em frente a uma bacia de água quente, ensopa uma toalha. Ambas estão com os cabelos desalinhados e os vestidos rasgados.

João Valentão e Zeca, estão sentados nos seus respectivos camarotes, com as costas voltadas para a platéia.

NOTA: - Todos os diálogos desta cêna, assim como os gestos e os movimentos são sincronizados, a não ser que haja indicação ao contrário).

MARINA E DORA (terminando de torcerem a toalha): - Vire!

J.V. e Zeca se viram. Nota-se ao redor de um dos olhos, em ambos, um círculo roxo.

Marina e Dora aplicam a toalha quente.

ZECA E J.V. (gritando): - Ai!

- As duas mulheres não tomam conhecimento dos gemidos e, silenciosas aguardam pacientemente que as toalhas quentes suavizem os sofrimentos de seus homens.

ZECA E J.V.: - Sabe... aquêle cabra até que briga bem...

- Levantam a toalha e reparam nas mulheres) E a mulher dêle também.

- Dora e Marina se examinam. J.V. e Zeca, deixam esxapar uma risada de deboche.

MARINA E DORA: - Porque não ficou com ela?

ZECA E J.V.: - Vai começar de novo?

MARINA E DORA: Não.

ZECA E J.V. (colocando de novo a toalha no roste): - Ainda bem.

- Marina dirige-se para os fundos e lá troca de roupa.

Dora faz o mesmo, porém, em frente de João Valentão.

Já com roupa de dormir, Marina e Dora se aproximam dos seus homens e retirando a toalha, examinam o olho machucado.

MARINA E DORA: - Chega por hoje!

- Zeca e J.V., obedientes se sentam direito na cadeira e começam a se despir. Tiram as meias.

Levantam-se e tiram a camisa.

Aproximam-se de suas mulheres e tentam beijá-las.

As duas recusam o beijo.

Ambos, levantam os ombros, displix entemente e sobem para o beliche superior.

Marina e Dora apagam a luz e também se deitam.

MARINA E DORA (após breve intervalo): - Bem...

ZECA E J.V. (colocando a cabeça para fora do beliche e olhando para baixo): - Hum...

MARINA E DORA (meio em dúvida): - Você brigou... foi por minha causa, não foi?

- J.V. e Zeca abanam a cabeça afirmativamente, enquanto Marina e Dora também chegam a cabeça para o lado para reparar nos movimentos de Zeca e J.V., e as luzes vão diminuindo lentamente, acendendo ne

ATO II: - CENA X

GABINETE DO PREFEITO DA BAHIA

Cenário: - Uma mesa enorme, do Prefeito. Um sofá num dos cantos.

Ação: - O prefeito sentado, abanando a cabeça afirmativamente, como que continuando os movimentos de J.V. e "eca da cena passada. Ao seu lado, empé, o secretário que lhe fala em voz baixa e mostrando Dora e J.V. sentados no sofá.

João valentão, nervosamente, passa a mão pelo olho machucado.

DORA (puxando o braço): - Faz questão de mostrar isto pro Prefeito?

J.V.: - Tá incomodando.

- após breve pausa, J.V., mais uma vez passa a mão pelo rosto. e Dora lhe puxa o braço.

J.V. (irritado): - Não me amole.

DORA: - depois de todo o trabalho pra chegar até aqui você não vai querer atrapalhar tudo, não é?

J.V. (alto): - Basta!

- Prefeito e secretário se assustam, J.V. se perturba. Dora sorri tentando disfarçar.

DORA (netre dentes): - Isto... banque o macho!

- O prefeito assina um papel e se levanta.

Dora e J.V. também se levantam.

O Secretário faz gesto para que eles se aproximem.

SECRETARIO: - Sr. prefeito, este é o casal.

Prefeito cumprimenta aos dois cordialmente.

J.V.: - Obrigado por receber a gente, seu doutor.

PREFEITO: - Eu sempre recebo quem me procura...

SECRETARIO: - O senhor Prefeito está a par das pretensões...

PREFEITO (interrompendo): - A senhorita deseja dançar na festa de Santa Barbara...

DORA: - Preciso ganhar dinheiro, sr. prefeito.

PREFEITO: - A senhorita não é bahiana?

J.V.: - Mas eu sou... e devoto de Santa Barbara.

PREFEITO: - Então o senhor devia saber que a festa de Santa Barbara é uma festa do povo. Nós, as autoridades não interferimos...

J.V.: - Mas sr. prefeito, Dora tem um contrato para dançar lá no Rio e se nós não pegamos um avião...

PREFEITO: - Mas que posso eu fazer?

SECRETARIO (vindo em auxilio): - Eles desejariam que a Prefeitura patrocinasse uma exibição deles.

PREFEITO: - E sr. secretário, como iria o povo receber esta intromissão nossa, numa coisa que é exclusiva, espontanea dele?

SECRETARIO: - Bem, sr. prefeito, não seria uma intromissão, mas sim... um apoio do sr. prefeito à uma festa tão tradicional, tão popular.

DORA: - Lá no Recife, as autoridades sempre me chamavam para isto...

J.V.: - E o povo adorava.

PREFEITO: - "stá bem quanto ao povo (virando-se para o Secretário) e o que dirá a oposição?

J.V. (não compreendendo): - Oposição?

SECRETÁRIO: - Ficaré despeitada, sr. Prefeito, por não ter pensado nisto antes.

PREFEITO: - Sim... se a moça agradar...

SECRETARIO (em voz baixa): - Repare em Dora, sr. Prefeito.

PREFEITO (reparando e limpando a garganta): - Hum... hum!

- Dora olha maliciosamente para o Prefeito.

PREFEITO (afastando-se para sua mesa de trabalho): - Tome as providencias necessarias.

SECRETARIO: - Sim, senhor prefeito.

- Dora e J.V. se entrecolham, sem compreender.

Lá de fora vem o barulho de rezas e passos.

J.V.: - Escutem!

- Todos ficam atentos, enquanto o barulho aumenta gradativamente.

J.V. (alegre): - É a procissão... é a procissão de Santa Barbara.

- Dora continua encarando o secretário.

SECRETARIO: - O senhor prefeito está de acôrdo.

DORA (temerosa): - E... vai pagar a passagem pra gente?

- Secretário abana a cabeça afirmativamente.

Dora corre até o Prefeito lhe dá um beijo, volta correndo, pula abraça J.V..

DORA: - Já temos o dinheiro... já podem ir pro Rio!

- O ruído da procissão aumenta, e as luzes diminuem, fechando uma cortina que representa uma rua.

ATO II: - Cena intermediária.

- Luzes acendem em todo o palco.

As rezas e os passos não sofreram discontinuidades na passagem da cena para outra.

Surge no canto esquerdo, a procissão. Todos rezam e arrastam os pés pelo chão. Cada um diz a sua reza.

Chegam até o meio do palco.

Luzes agora somente na parte do palco onde existem pessoas.

Eles se voltam e começam a sair pelo mesmo lado que entraram, ao mesmo tempo que a cortina vai lentamente abrindo deixando ver

ATO II: - Cena XI

BAIXA DOS SAPATEIROS

Cenário: - Na parte superior, um microfone e alto-falante.

Na parte inferior, barracas, tamboretos, cavaletes.

Bahianas, vestidas tipicamente, sentadas.

Embora não tenham ido à procissão da Santa, todos resmungam suas orações, de modo que o zum-zum da cena anterior perde a intensidade, mas não a continuidade.

Aos poucos o zum-zum volta a aumentar.

UMA VOZ: - Lá vem a procissão.

- O zum-zum agora é enorme.

BAHIANA (levantando e cantando): - O acarajé ecê olalai, ô
Vem benzê-ê-em, tá quentinho.

- a Bahiana se senta e a procissão entra. Em poucos instantes o palco está cheio.

Ouve-se um pandeiro. E depois, uma cuica.

E outro pandeiro. E outro... e outro.

Outra cuica... outro tamborim.

Os sons de pandeiro, cuica, ~~tamborim~~ tamborim, se misturam

Agora, ouve-se um violão... e outro... e outro.

Violões começam a tocar "Santa Bárbara", pandeiros, cuicas e tamborins acompanham o ritmo.

BAHIANA (levantando-se): - Chegou
Seu dia chegou
Santa Bárbara chegou
Seu dia chegou.

CÔRO: -
Em pagode no mundo
Em pagode bom
" " "
" " "
" " "
" " "

BAHIANA: -
Na "aixa dos Sapateiros
Vai ter fuzuê
Todo mundo nesse dia
Quer fazer valê

COROD DOS HOMENS: -
Tem muita mulata vendedeira
"e saia balão
Todo mundo nesse dia
Quer ser valentão.

- Todos se entregam à dança e capoeira. Na parte superior entram Dora, J.V., acompanhadas de uns senhores, e na parte de baixo, os passageiros do navio, entre eles, Zeca e Marina.

LOCUTOR (ao microfone): - Alô, Alô, atenção!

- Todos param e se viram. A música continua.

LOCUTOR: - Atenção! (a música também para) O nosso digníssimo prefeito...

- Ouve-se uma prolongada vaia que abafa as palavras do locutor.
A música recomeça, enquanto se ouve: -

VOZES: - Fora!
Fora!
Fora!

- Dora sobe num degrau, pega o microfone e grita: -

DORA: - Querem me ver dançar?

- Ouvindo uma voz feminina, os homens se viram. Por um instante, reparando em Dora todos ficam paralizados. Dora está mais bonita do que nunca, muito pintada e em um vestido bem colante.

DORA (aproveitando o silêncio): - Querem me ver dançar?

HOMENS (gritando): - Sim... Sim! (asseviam)

DORA (fazendo sinal para acalmarem-se): - Bem... amanhã embarco pro Rio de avião...

HOMENS (lastimando): - Oh!

- Dora continua falando ao microfone, mas não se ouve a sua voz.
A luz diminui em toda cena.

- Acende um fogo em Zeca e Marina.

ZECA: - Marina...

MARINA: - Hein...

ZECA: - Estou pensando...

MARINA: - No que?

ZECA: - Naquela sua sugestão.

MARINA: - Sugestão...?

ZECA: - Sim... de voltar.

MARINA: - Voltar? Que idéia é esta?

ZECA: - Desde ontem à noite, após a briga, que não pense noutra coisa.

MARINA: - Mas voltar pro que, Zeca? Pra que?

ZECA (abraçando-a): - Para continuarmos juntos.

MARINA (livrando-se): - Por causa dela?

ZECA: - Ela vai pro Rio.

MARINA: - Eu ouvi... e daí?

- Zeca nada diz, fica pensativo.

MARINA: - Zeca...

ZECA: - hum...

MARINA: - Lembra daquela noite no Ita, quando você contou a história de Cosinha de Chica e de Pedro?

ZECA: - Sim...

MARINA: - Recorda das palavras do comandante, quando você terminou de contar (como que recitando): - "Enquanto existir um homem forte e destemido, uma rapariga bonita e meiga e o mar, esta história irá se repetindo... sempre... sempre..." (após breve pausa) aquela história e outras assim como a nossa, sempre se repetem, Zeca.

- Zeca olha apaixonadamente para Marina. Quer falar, mas as luzes voltam a se acender, e os homens gritam e aplaudem o que Dora acabou de dizer.

MARINA (terminado o barulho): - Em Belém do Pará, aqui na Bahia, ou lá no Rio, você sempre encontrará (mostra) uma Dora.

- Agora o barulho recomeça com pandeiros, cuicas, violões, etc. Dora ~~sempre~~ a dançar.

Um homem tenta chegar e passar a mão pelas pernas de Dora. J.V. lhe dá um empurrão, o homem reage. Começa a briga lá em cima. Dora ignora e continua a dançar, assim como o resto do povo. Marina e Dora, ignoram o povo ao redor, e se abraçam e se beijam. E com Dora dançando, João Valentão brigando, Marina e Zeca se beijando, cai o pano.

f i m